

# INTERFACE DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS COM A LITERATURA EM IRACEMA DE JOSÉ DE ALENCAR

## *INTERFACE OF TOPONYMY STUDIES ON LITERATURE IN IRACEMA BY JOSÉ DE ALENCAR*

Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias<sup>1</sup>

Marcia Zamariano<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Londrina

### RESUMO

Para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso observar também a sua história, costumes e o ambiente em que ele vive. As relações língua-cultura-sociedade estão refletidas na língua e, a partir de seu estudo, principalmente no nível lexical, observamos aspectos valorizados e até as condições de vida impostas a ele pelo meio físico. Os topônimos são as unidades lexicais nomeadoras de lugares, estudados pela Toponímia. O objetivo deste trabalho é a análise de “Iracema”, escrita por José de Alencar, dividida em: breve contexto histórico na Europa e no Brasil, dados sobre o autor e a obra, e, análise, resumo da obra, além de se aplicar o embasamento teórico-metodológico relativo à Toponímia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iracema, José de Alencar, Literatura, Toponímia.

**ABSTRACT:** To the actual knowledge of the language of a human group, you must also observe their history, customs and the environment in which he lives. The language-culture-society relations are reflected in the language and, from his study mainly on the lexical level, we observe valued aspects and even living conditions imposed on him by the physical medium. The toponyms are nominators lexical units of locations, studied

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

2 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

by Toponymy. The objective of this work is the analysis of “Iracema”, written by José de Alencar, divided into: brief historical context in Europe and Brazil, data on the author and the work, and analysis, resume of the work, in addition to applying the theoretical and methodological foundations of Toponymy.

**KEYWORDS:** Iracema, José de Alencar, Literature, Toponymy.

## INTRODUÇÃO

O homem e o espaço em que vive se encontram fortemente unidos, revelando interações profundas, íntimas, sagradas ou profanas, mesclas de seu pensamento e de seu sentimento. As interrelações daí observadas envolvem toda a riqueza das dimensões psíquica, mística, espiritual, estética, fazendo emergir um diálogo entre os diferentes níveis, que ilumina os estudos sobre a natureza das experiências humanas com os espaços, lugares e paisagens (LIMA, 2000, p.07).

Enquanto cenários do mundo antigo, as paisagens geográficas vislumbram horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente, da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes às uniões e rupturas do ser humano com seu espaço. A adaptação do homem aos diversificados espaços geográficos transforma-se, portanto, em parte significativa da história de cada um deles.

Nas paisagens, encontramos os vestígios, as reminiscências, as relíquias da magnitude da história vivida pelas sociedades das diferentes culturas num passado remoto ou não. Mais íntima e individualmente, cada ser humano constrói, seleciona os cenários que envolvem sua própria história de vida, numa relação de símbolos que encerram em si atitudes, percepções, os sonhos e sentimentos únicos, singulares, relativos às suas experiências (LIMA, 2000, p.08).

O homem, procurando conhecer o universo que o cerca, deu estímulos a sua sede de conhecimentos, criando oportunidades para desvendar segredos e para construir ou encontrar lugares onde pudesse se fixar e dar início a comunidades, vilas, aldeias e cidades. Isso permitiu-lhe aprender com suas descobertas e com seus erros e, até hoje, o homem busca consolidar

e redefinir seus conhecimentos. É fato que, para entender a realidade da vida diária dos indivíduos, é necessário considerar as diversas atribuições de significados e interpretações dos sistemas de sinais. A investigação dos fundamentos do conhecimento da vida cotidiana realizada por meio da linguagem “constrói as objetivações dos processos de significados e o mundo intersubjetivo individual e coletivo” (MANHÃES; ARRUDA, 2004, p.02).

O ser humano é culturalmente formado, ao mesmo tempo em que intervém na formação de seu tempo. A natureza humana em sua complexidade é revelada pela linguagem, que se traduz no produto pertencente a toda uma sociedade que carrega consigo sua própria cultura, tradições e hábitos. Pelos vários níveis de linguagem, que se faz transmissora de ideias e do pensamento, os homens estabelecem interação entre si na sociedade, e se comunicam com o restante do mundo.

Para Manhães e Arruda (2004, p.02), a realidade da vida diária surge com campos infinitos de significações de modo geral, mas limitada quando comparada a outras realidades. Dentro desta relação, a linguagem passa a existir como meio de interpretação, comunhão de conhecimento e fornece à realidade uma distinção entre os grupos que, juntos, formam a estrutura da sociedade. Desse modo, a linguagem é decisiva para que se possa interpretar e dar sentido às objetivações apresentadas - de acordo com as experiências vivenciadas.

Conhecer a origem da linguagem é uma discussão dos sábios desde remota Antiguidade. O universo da linguagem reflete o do homem com quem coabita e não sabem ser um sem o outro. É toda a prática, a expressão e a interação do pensamento do homem com seus semelhantes, identificando-o na sociedade, tornando-se, assim, um sinal exterior ou um signo da humanidade. A invenção da linguagem é a primeira das grandes invenções. Gestos e vozes, na busca da expressão e da comunicação, fizeram surgir nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, que nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Configura-se a linguagem numa criação sócio-histórica, produto do imaginário pessoal e social. Não existe possibilidade de criar, de pensar nem de existir a não ser por meio da linguagem. As línguas não são nomenclaturas que se aplicam a uma realidade pré-ordenada, mas são modos de interpretar o mundo. Por

isso, estudar a linguagem é a forma de entender a cultura, de compreender o homem em sua marcha sobre a Terra.

A linguagem é a expressão do pensamento, e isto só é possível porque o homem tem uma alma pensante, que se expressa por palavras. Ao mesmo tempo em que se expressa, o homem toma consciência de si mesmo como um ser singular no mundo, com potencialidades e limitações próprias. Até onde se sabe, o homem é o único ser em toda natureza que fala, que aprende a operar o “poder mágico das palavras”. Com as palavras, o homem se cobre e cobre de significado humano o conjunto da realidade que o rodeia. Com elas os seres humanos se comunicam, abstraem e interpretam a realidade das coisas que existem, inventam outras e lhes atribuem nomes, explicando em que condições elas chegam a se manifestar.

Da mesma forma, Bakhtin (1992, p.36-37) também destaca a centralidade da linguagem na vida do homem. Segundo ele, a palavra é o material da linguagem interior e da consciência, além de ser elemento privilegiado da comunicação na vida cotidiana, que acompanha toda criação ideológica, estando presente em todos os atos de compreensão e de interpretação. A palavra tem sempre um sentido ideológico ou vivencial, relaciona-se totalmente com o contexto e carrega um conjunto de significados que socialmente foram dados. A palavra é também polissêmica e plural, uma presença viva da história, por conter todos os fios ideológicos que a tecem. No entanto, quando o homem penetra nessa realidade, ele domina o mundo e é dominado pela linguagem, pela fala, pela forma de encarar a realidade a sua volta. Passa a criar algo que não existe na sua realidade, pelo pensamento e pelo conhecimento, e dá nome a esse algo. A partir do conhecimento que se tem do objeto, ele deixa de existir para o mundo e o que passa a ter valor é a palavra, o nome e não o objeto (ou ser) em si.

O nome substitui o ser. O que passa a ter sentido e o faz existir no mundo é o nome, o que ele remete a nossa consciência. Criamos novos objetos e seres dentro e fora da realidade, nomeando o que nos cerca e fazendo de nós donos do real e do imaginário. Desse modo, na sua própria linguagem, as coisas e os seres da natureza se comunicam ao homem. Ao mesmo tempo, nomeando, o ser humano expressa sua própria essência espiritual, no nome e, quando no cotidiano designa o que o rodeia, manifesta

então a sua essência linguística.

Neste sentido, o léxico se configura como sendo a somatória de experiências vividas por um grupo socio-linguístico-cultural. Assim, ao se apropriar da linguagem, o homem se constitui como uma figura positiva no campo do saber e atuando sobre a própria língua, pode criar e recriar o léxico. A língua, patrimônio de toda uma comunidade linguística e instituição social, apresenta-se como veículo da difusão da cultura e da ideologia, retratando as inclinações que abarcam cada momento histórico, a maneira de pensar e as expectativas dessa sociedade. Ela representa a imensa herança que um povo confia ao indivíduo e nele deposita. Nela estão contidas as experiências de todos os séculos (DARGEL, 2003, p.54).

Conforme Sapir (1969, p.20), “a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa”. Dick (1990b, p.87) acrescenta que:

Sapir deixou, como lição, o fato de que o traço ambiental, na medida em que o grupo humano tem por ele um interesse altamente significativo, aparecerá como elemento integrante do seu léxico e, provavelmente, de sua toponímia, traduzindo, dessa forma, objetivamente, e em contornos nítidos, a verdadeira apreensão da realidade, segundo a maneira pela qual dela se utiliza.

Partindo-se dessas considerações, fica evidente que, ao estudar o léxico de uma língua, pode-se também aprender a realidade do grupo que a utiliza: sua cultura, sua história, seu modo de vida, sua visão de mundo. E, utilizando-se do léxico, o ser humano sempre atribuiu nome a tudo que o cerca – às coisas, aos animais, às pessoas, ao espaço físico em que vive. Segundo Sapir (1969, p.45), é no léxico de uma língua que se reflete com maior nitidez o ambiente físico e social dos falantes de uma determinada comunidade.

Neste particular, convém lembrar que a sociedade humana tem uma característica muito interessante, que é criar o conhecimento, renová-lo e criar novamente. Neste processo contínuo de vir a ser, alguns elementos, entre eles os topônimos, encontram-se guardando, no tempo e no espaço, elementos de “outros tempos”, como a nos lembrar que somos o único animal que constrói a própria história, de forma cumulativa e revisada.

Esta história pode ser resgatada quando se buscam, por meio dos topônimos, traços e vestígios que garantirão que o passado não perderá seu lugar, mas se configurará como a fonte para a construção no presente de uma memória que é de fundamental importância para as pessoas. A sensação de que a maior realidade do presente está, sobretudo, na compreensão do passado é que joga o homem, mesmo sem saber porque, aos estudos históricos, quer individuais quer coletivos. Ninguém pode compreender-se a si mesmo sem que compreenda o meio em que vive.

Ao pesquisar a toponímia seja em uma obra literária, seja em determinada região, conhecemos a própria história dessa localidade, bem como as crenças, lutas, expectativas e os valores das pessoas que a habitam/habitaram. No ato de evocar as lembranças, histórias de vida são resgatadas, trazendo em seu bojo o que de mais significativo permaneceu. Este processo envolve laços afetivos, alegrias, tristezas, conquistas, perdas e, sobretudo, vivências, que, de alguma forma, vão se refletir no meio em que o homem vive.

As designações de lugar possuem uma função muito clara na organização social humana, e, assim, por vezes, ouve-se falar de um local que fica guardado em nossa memória. Em outros momentos, ao nos aproximarmos de uma cidade, surge a nossa frente uma placa com seu nome, o que pode nos levar a perguntar o porquê de ter esse nome e não outro. Em se tratando de nomes engraçados ou por lembrarem algum fato ou objeto, de imediato conseguimos memorizá-lo. Não importa qual seja o nome que uma localidade recebeu, pois se sabe que ele tem um significado que o acompanha há muito tempo.

Essa denominação provavelmente possui uma história, que, de certa forma, é a história dos valores, das crenças, das experiências e dos mitos que a formaram. Enfim, todos os lugares têm um nome que os identifica ou que lhes é característico. A origem desses nomes, às vezes, pode estar ligada a acontecimentos passados, a características naturais e até às lendas e histórias pertencentes à localidade. Nomear o espaço em que vive é, para o homem, uma questão de sobrevivência, uma vez que se organiza e se orienta geograficamente por meio dos nomes.

O texto de Alencar – Iracema – que nos interessa mais de perto merece uma observação principalmente pela abrangência das dimensões

geográficas e culturais, presentes na sua obra. Alencar criou o nome da personagem com um anagrama de América. Nesse sentido, o nome Iracema pode ser entendido como um símbolo do indígena americano, e demonstra o quanto o autor estava envolvido com a realidade e a construção da Nação brasileira. O autor também se empenha ao montar retratos do Brasil por meio de seus romances, retratando seus conhecimentos da história e, finalmente, o desenvolvimento da trama, em sua terra natal, o Ceará. Ele expressa toda sua paixão pela sua terra, sua natureza exuberante, e é no índio que justifica o seu ideal de Nação, por entender ser o que mais genuinamente representam a alma do Brasil.

## 1 Breve contexto histórico

### 1.1 Na Europa

O século XIX na Europa foi agitado por fortes mudanças sociais, políticas e culturais causadas por acontecimentos do final do século XVIII. Do mesmo modo, a atividade artística tornou-se complexa, e assim, alguns autores passaram a expressar em suas obras as emoções, falando em sentimentos de amor e saudade num tom pessoal ou de amor à pátria, inspirados nas tradições nacionais. Era o nascimento do *Romantismo*.

Na Europa, o Romantismo definiu-se como escola literária nos últimos anos do século XVIII e predominou durante a 1ª metade do século XIX. O movimento romântico surgiu na Alemanha e conquistou a Inglaterra, a França e, posteriormente, todos os países europeus. Os escritores alemães e os ingleses foram os pioneiros da nova tendência, mas coube aos franceses o papel de divulgar o Romantismo pela Europa e América.

A época representada culturalmente é marcada pelas transformações que vinham ocorrendo na Europa desde o século XVIII. O movimento está diretamente relacionado a dois acontecimentos importantes: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, responsáveis pela consolidação da burguesia, que, infiltrando-se aos poucos na aristocracia, começou a dominar a vida política, econômica e social. O Romantismo europeu apresenta como características: o apego às tradições nacionais, a busca por um passado grandioso e pleno de triunfos (que reforça o momento revolucionário vivido), o culto à natureza, o resgate das lendas e narrativas medievais, o heroísmo

e o cavalheirismo, e, sobretudo, a afirmação das nacionalidades. Um dos fatos mais importantes relacionados ao Romantismo foi o surgimento de um público consumidor, uma vez que a literatura tornou-se mais popular, o que não acontecia com os estilos de época de características clássicas. O romance (prosa artística, forma mais acessível de manifestação literária) ganhou um espaço que sempre lhe fora negado pela literatura clássica.

## 1.2 No Brasil

A sociedade brasileira do início do século XIX também vivia algumas mudanças. Talvez a maior delas, a transferência da corte de Lisboa para o Rio de Janeiro (1808) e a posterior abertura dos portos (1810) tenha afetado de forma irreversível a nossa política, abrindo caminho para a emancipação.

Reforçado pelos movimentos da Independência, conquistada em 1822, que nos instigou a procurar qualidades que nos diferenciássem de quem nos colonizava, fez com que o Brasil buscasse inserir-se no modelo moderno, acompanhando as nações independentes da Europa e América. Assim como na Europa, o momento político favorece o surgimento do movimento literário, fazendo com que o Romantismo brasileiro seguisse os moldes do Romantismo francês.

Foi graças ao Romantismo que, durante o século XIX, artistas e intelectuais brasileiros começaram a se preocupar em mostrar em suas obras as características de uma nação recém - fundada, distinta de todas as outras nações. Tratava-se de destacar os sentimentos e valores nacionais que nos tornavam diferentes, possibilitando a construção da nossa identidade. Para isso, artistas e intelectuais deveriam buscar nas tradições, religião, costumes, história e natureza, o material que permitisse expressar a nossa nacionalidade. Assim, no Brasil, o Romantismo adquiriu características especiais, defendendo os motivos e temas brasileiros, principalmente indígenas, expressos numa linguagem também nova, mais próxima da fala popular brasileira e mais distante da portuguesa.

O Romantismo se inicia no Brasil em 1836 (se estendeu até 1881), quando Gonçalves de Magalhães publica na França a “*Niterói*” - *Revista Brasiliense* e, no mesmo ano, lança um livro de poesias românticas intitulado “*Suspiros poéticos e saudades*”. Era marcado por grande subjetividade, idealização (da mulher e do amor) e sentimentalismo. Foi a primeira tentativa

consciente de se produzir literatura verdadeiramente brasileira.

O Romantismo brasileiro, considerado por vários historiadores como o verdadeiro início de uma literatura nacional, traz como uma de suas características o nacionalismo romântico, o qual se manifesta na exaltação da natureza pátria, no retorno ao passado histórico e na criação do herói nacional, no caso brasileiro, o índio, donde a denominação indianista. Nesse contexto destaca-se José de Alencar, consolidador do romance na literatura brasileira, um ficcionista que trilhou todos os caminhos da prosa romântica, popularizando-se no gênero indianista com as obras: “O Guarani”, “Iracema” e “Ubirajara”. Alencar, em especial, reivindicava uma escrita literária tipicamente brasileira.

## 2 O autor – José de Alencar

José de Alencar, advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Mecejana, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1877. Era filho do padre, depois senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar. Em 1844 vai para São Paulo, onde permanece até 1850, termina os preparatórios e cursa Direito. Formado, começa a advogar no Rio e passa a colaborar no Correio Mercantil, e a escrever para o Jornal do Commercio os folhetins. Foi eleito várias vezes deputado geral pelo Ceará; de 1868 a 1870, se tornou ministro da Justiça. Não conseguiu realizar a ambição de ser senador, e, desgostoso com a política, passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

José de Alencar também se preocupou em explicar as origens da recente nação pelo viés literário. O escritor cearense tem uma obra vasta e escreve também se deixando influenciar pelo indianismo, para o qual legou obras importantes. Destacam-se entre elas, “O Guarani” (1857), “Iracema” (1865) e “Ubirajara” (1874). As tramas desse autor estão recheadas de heróis e heroínas (vide Peri e Iracema) indígenas, contudo, é curioso perceber, que a nobreza do índio se harmoniza com a nobreza do português. Uma das marcas registradas de sua obra é o sentimento brasileiro. Na visão de Alencar, o índio que ele tanto cantou e exaltou, é a personificação de seu entranhado nacionalismo. O seu estilo revela-se retórico, sonoro e brilhante, o que nada mais é do que o espírito de sua escola - o Romantismo. As suas paisagens, além do sentimento brasileiro, têm cores maravilhosas da nossa

exuberante vegetação tropical.

Ele não descreve cenas, quadros: pinta-os molhando o pincel nas mais vivas e variadas tintas. Conhecia o Português e conhecia a Gramática, mas sua preocupação estava acima disto: quis criar um estilo brasileiro, independente, pessoal, reflexo dos nossos modismos sintáticos e vocabulares, um linguajar brasileiro<sup>3</sup>. Os índios, personagens centrais de *Iracema* são enfocados em cenários selvagens, eles emergem como elementos da natureza, enfatizam a cor local e são símbolos de um passado histórico idealizado e glorioso. O sentimento nativista e a valorização do índio ganham tons de valorização e exagero, principalmente quanto às características físicas e morais e assim, o autor os apresenta nos romances como heróis.

A sua notoriedade começou com as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, publicadas em 1856, com o pseudônimo de Ig, no *Diário do Rio de Janeiro*. Suas obras:

I - Romances urbanos: *Cinco minutos* (1857); *A viuvinha* (1860); *Lucíola* (1862); *Diva* (1864); *A pata da gazela* (1870); *Sonhos d'ouro* (1872); *Senhora* (1875); *Encarnação* (1893, póstumo).

II - Romances históricos e/ou indianistas: *O Guarani* (1857); *Iracema* (1865); *As minas de prata* (1865); *Alfarrábios* (1873); *Ubirajara* (1874); *Guerra dos mascates* (1873).

III - Romances regionalistas: *O gaúcho* (1870); *O tronco do ipê* (1871); *Til* (1872); *O sertanejo* (1875).

## 2.1 A obra – *Iracema*

Considerada pela grande parte da crítica como a obra-prima de José de Alencar, *Iracema* foi publicado em 1865 e é o ponto alto da vertente indianista da sua obra, fazendo parte da trilogia indianista do autor. Combinando com a proposta romântica, o autor situa a história de *Iracema* no passado, fazendo uma viagem ao Brasil Colonial. Retrata, pois, uma situação típica do século XVII, da época da colonização, quando os colonizadores portugueses fundavam povoações a partir do contato com os povos nativos. Martim, o protagonista masculino da história, é Martim Soares Moreno, que deixou o seu nome inscrito na colonização do Brasil. Sua amizade a Poti e Jacaúna,

3 Disponível em: <<<http://www.literapiaui.com.br/aulas/obras/iracema-josedalencar.pdf>>>. Acesso em : 11 abr.2014.

chefe dos índios do litoral, foi decisiva para a conquista da região, que viria a ser o Ceará.

O romance conta em capítulos curtos, de forma quase poética, o amor de um branco, Martim Soares Moreno, pela índia Iracema, a virgem dos lábios de mel e de cabelos tão escuros como a asa da graúna<sup>4</sup>. Um dos propósitos de Alencar, ao conceber Iracema, foi, sem dúvida, mostrar como se deu a formação do Ceará, seu Estado natal - a terra onde “canta a jandaia”, como explica o autor: “E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio”.

Composto de trinta e três capítulos, Iracema vem precedido de um prólogo e encerrado por uma “carta ao Dr. Jaguaribe”, em que Alencar expõe os motivos patrióticos e sentimentais que o levaram a escrever o livro. Afirma, ainda, que “a etimologia de nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original”. A linguagem é extremamente poética, o que nos faz imaginar as belezas, os deslumbres da mata virgem, da natureza. Além disso, durante todo o enredo, recorre a símiles que nos fazem visualizar, com maior precisão, o que o autor quer passar para o leitor.

Embora seja ainda de linha acadêmica, a linguagem de Iracema vem perpassada de um tom bem brasileiro; não só o farto vocabulário indígena o exemplifica, como também muitas construções sintáticas que revelam bem o jeito brasileiro de usar a língua portuguesa. Destaca-se também, na linguagem de Iracema, o gosto por comparações com elementos do mundo focalizado pelo autor e que se adapta bem com a postura selvagem do índio, que vive integrado na natureza. Esse recurso é frequente no livro, e não são poucas as passagens como esta: “O guerreiro pitiguara é a ema que voa sobre a terra”.

O estilo de Alencar sempre primou pela exuberância do descritivismo, que se revela pela adjetivação fértil e colorida. Dono de uma imaginação prodigiosa, Alencar sabe recheiar um texto de adjetivos e matizes que dão a impressão de um quadro. Dado o caráter poético da linguagem utilizada, Iracema é um romance quase poesia. A linguagem chega a aparecer ingênua, exatamente porque o autor quer captar o mundo selvagem do índio como

4 Disponível em: <<<http://www.literapiaui.com.br/aulas/obras/iracema-josedalencar.pdf>>>. Acesso em: 11 abr.2014.

ele é: a sua maneira de pensar e exprimir, as suas imagens poéticas, a sua visão acerca da realidade. Em suma, em Iracema, Alencar procura adequar a linguagem ao mundo focalizado<sup>5</sup>.

## 2.2 Organização

Seguindo critérios mais ou menos subjetivos, podemos dividir o romance em três partes: a) A primeira parte mostra o encontro de Iracema e Martim e o incontrolável amor que surge entre eles; b) A segunda conta a fuga de Iracema que abandona o lar, a família e os irmãos para viver com Martim, numa cabana distante, no litoral, vivendo aí a sua gravidez e uma profunda saudade e angústia; c) A terceira relata o sofrimento de Iracema ao perceber que Martim não é feliz. Sofre calada até que a morte a chama.

## 2.3 Personagens

Iracema - a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asas da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. Índia da tribo tabajara, filha de Araquém. Demonstrou muita coragem e sensibilidade. Revelou-se amiga, companheira, amorosa, amante, submissa e confiante. Renunciou tudo pelo amor de Martim.

Martim - Era português e veio ao Brasil numa expedição, quando fez amizade com Jacaúna, chefe dos pitiguaras, dos quais recebeu o nome de Coatiabo – “guerreiro pintado”. Corajoso, valente, audaz.

Araquém - pai de Iracema, pajé da tribo tabajara. Era um grande conselheiro, tinha o dom da sabedoria e da liderança.

Andira - irmão do pajé Araquém. Provou ser um grande e impetuoso guerreiro. É o velho herói. Ele viu muitos combates na vida, escapelou muitos pitiguaras. Nunca temeu o inimigo.

Caubi - irmão de Iracema. Era bom caçador, corajoso, guerreiro destemido.

Irapuã - chefe dos tabajaras, manhoso, traiçoeiro, ciumento, corajoso, valente, um grande guerreiro. Estava sempre lembrando a Iracema sobre a necessidade de se conservar virgem, pois ela guardava o segredo da Jurema.

Poti - guerreiro destemido, irmão do chefe dos pitiguaras. Prudente,

5 Disponível em: << <http://www.literapiaui.com.br/aulas/obras/iracema-josedalencar.pdf>>>. Acesso em: 11 abr.2014.

valente, audaz, livre, ligeiro e muito vivo. Tinha uma grande amizade por Martim a quem considerava irmão e de quem era aliado.

Jacaúna - Chefe dos pitiguaras, senhor das praias do mar. O seu colar de guerra, com os dentes dos inimigos vencidos, era um brasão e troféu de valentia. Era corajoso, exímio guerreiro, forte.

Batuieté - avô de Poti, chefe maior. Morava numa cabana na Serra do Maranguab (sabedor de guerra).

Jatobá - pai de Poti. Conduziu os pitiguaras a muitas vitórias. Robusto e valente.

Moacir – filho de Martim e Iracema. Segundo o autor seria o nascido do sofrimento, o “filho da dor”.

## 2.4 O gênero literário

Para José de Alencar, Iracema é uma “Lenda do Ceará”. Chamado de “poema em prosa” pela crítica, dado o ritmo e cadência de Iracema, mais de um autor procurou demonstrar o caráter de poesia do livro. A abertura do livro é marcada por um ritmo cadenciado, podendo as palavras ser distribuídas em versos de um poema tradicional:

Verdes mares bravios (6 sílabas)  
de minha terra natal, (7)  
onde canta a jandaia(6)  
nas frondes da carnaúba; (7)

Embora predomine o épico, Iracema apresenta aspectos líricos, principalmente ao se considerar a poesia de sua linguagem, marcada pelo ritmo e sonoridade, além da configuração altamente subjetiva, revelada, sobretudo pelo tom metafórico que perpassa o romance<sup>6</sup>. Cada uma dessas definições põe em relevo um aspecto da obra e nenhuma a esgota: a lenda, a narrativa, a poesia, o heroísmo, o lirismo, a história, o mito. José de Alencar narra os feitos heroicos dos portugueses na figura de Martim. Iracema, também, é transformada em heroína. Temos a presença dos deuses indígenas representando as forças da natureza.

6 Disponível em: <<<http://www.literapiaui.com.br/aulas/obras/iracema-josedecalencar.pdf>>>. Acesso em: 11 abr.2014.

## 2.5 O foco narrativo

A obra é escrita em terceira pessoa, temos um narrador-observador, isto é, um narrador que caracteriza as personagens apenas a partir do que pode observar de seus sentimentos e de seu comportamento, como se percebe no trecho: “O sentimento que ele (Martim) pôs nos olhos e no rosto não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.” (Capítulo 2), especialmente no momento em que o narrador coloca em dúvida a reação emocional de Martim, flechado por Iracema. O narrador conta a história do ponto de vista de Iracema, isto é, do índio, privilegiando os seus sentimentos e não os de Martim, que representa o branco colonizador.

## 2.6 O tempo referencial

A passagem do tempo, dentro do desenrolar da história, é marcada à maneira indígena, ou seja, com base nos fenômenos da natureza:

“*Teu irmão parte para te fazer a vontade; mas ele voltará todas as vezes que o cajueiro florescer...*” (cap. 31).

“*Oito luas havia que ele deixara as praias de Jacarecanga...*” (cap. 32).

Não há avanços nem recuos no desenrolar da narrativa. A sequência de fatos e ações segue em ritmo linear.

## 2.7 O espaço

A valorização da cor local, do típico, do exótico inscreve-se na intenção nacionalista de embelezar e engrandecer a terra natal por meio de metáforas e comparações que ampliam as imagens de um Nordeste paradisíaco, primitivo, que nada tem a ver com a aspereza do sertão do semi-árido. É o Nordeste das praias e das serras (Ibiapaba), dos rios (Parnaíba e Jaguaribe) e dos campos de Ipu.

## 2.8 Características do Romantismo<sup>7</sup>

Podemos citar várias características presentes na obra:

- a) O culto e a exaltação da natureza;
- b) A idealização de índio como um ser nobre, valoroso, fiel e cavalheiro;
- c) Sublimação do amor e idealização da mulher;
- d) Sentimentalismo amoroso configurado na temática amor e morte;
- e) A concepção amorosa a partir dos sentimentos puros e castos.

## 3. Perspectiva teórica da toponímia

Tradicionalmente define-se a Toponímia como sendo formada pelas palavras gregas *topos* (lugar) e *onyma* (nome). O nome possui função de identificação, isto é, tudo que existe tem sua nomenclatura, terminologia, sistema de palavras, qualidades para determinar fatos, fenômenos ou objetivos, com o intuito de determinar seu real significado e suas relações com o universo conhecido. Como ramo da Onomástica, cabe à Toponímia estudar a procedência da significação dos nomes dos lugares, considerando os aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antro-po-linguísticos que originaram os nomes de lugares e suas subsistências. Seu campo não se limita somente ao aspecto linguístico ou etimológico, pois um topônimo sempre está relacionado à história e à cultura de uma localidade em estudo (DICK, 1990a, p.35-36).

O estudo dos topônimos evidencia ainda a interrelação homem-ambiente-língua-cultura, que foi defendida por Sapir (1969, p.44), para quem a língua de um povo é influenciada pelo ambiente, como podemos depreender de suas palavras:

tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo “ambiente” tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas,

7 Disponível em: <<<http://www.literapiaui.com.br/aulas/obras/iracema-josedalencar.pdf>>>. Acesso em: 11 abr.2014.

bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, flora e os recursos minerais. Por fatores sociais entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Embora Sapir não se refira diretamente à Toponímia, pode-se conceber o topônimo como um signo linguístico, ou seja, uma unidade de língua enriquecida. E, a partir das constatações de Sapir, adequá-las à Toponímia, haja vista que, ao estudar a toponímia de uma região, podem-se perceber indícios que nos conduzem a confirmar que o ambiente está refletido na língua, por meio dos topônimos. Assinalando esse aspecto histórico-cultural, pode-se resgatar a posição de Dick (1990a, p.19), acerca desse particular:

a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais.

Dick (1990b, p.120) lembra também os designativos indígenas que muito contribuíram para o enriquecimento de nosso idioma e sempre exerceram fundamental importância na toponímia brasileira. Na reconstituição dos topônimos brasílicos, pode-se perceber nesses onomásticos um modo autêntico e espontâneo de individualizar os acidentes da terra, numa frequência que atinge milhares de nomes.

Percebe-se também, que, ao servir-se de sua capacidade linguística para nomear os lugares, o homem estabelece algumas relações: primeiro consigo próprio, ao demonstrar conhecer a realidade circundante e utilizar seu conhecimento para designar um local; e depois com seus interlocutores, pois, através do topônimo por ele usado, transmite com maior exatidão, o real significado que lhe atribuiu.

Dentro dessa perspectiva, pode-se recordar que a nomeação de lugares

é prática tradicional do homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana e, pode-se percebê-la através das obras antigas da História e da civilização mundial, que retratam os locais e como viviam os habitantes das antigas comunidades. O homem sempre necessitou conhecer para nomear, e, conforme afirma Dick (1990b, p.05) no Gênesis, Livro Sagrado dos cristãos, despontam acidentes geográficos, como nomes de rios, os primeiros conhecidos com suas nascentes no Jardim do Éden (do hebraico, “lugar de delícias”), localizados na banda do Oriente, e designados como *Pisom, Giom, Tigre e Eufrates*.

No que tange às características de signo, julga-se indispensável pontuar diferenças entre o signo linguístico e o signo na condição de topônimo. O primeiro foi concebido por Saussure como uma entidade dotada de significante e de significado. Conforme o estudioso, “o signo linguístico une não uma coisa a um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”. Para o linguista genebrino, o significante é imotivado, ou seja, é arbitrário em relação ao significado, com o qual não possui laço natural na realidade. Entretanto, no signo toponímico, o processo de nomeação é fundamentado pela motivação, refletindo sempre a realidade daquele que o nomeou: “o topônimo se constitui num tipo particular de signo. Se analisarmos a natureza dessas unidades do sistema, percebemos que, na sua gênese, elas diferem dos demais signos linguísticos no que tange à motivação” (ISQUERDO, 1996, p.85).

Diante desse fato, acrescentam-se as palavras de Dick (1990b, p.81), para quem o topônimo “não é um signo linguístico especial, mas ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares” que, ao ser manipulado pelo denominador, configura-se como signo linguístico enriquecido que reflete os aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos, históricos, físico-geográficos, humanos, biológicos, enfim de todas as forças sociais atuantes no momento em que o homem realiza a nomeação de um lugar. “Logo, apenas o emprego dos signos linguísticos é que se torna especial nas ciências onomasiológicas: ou, em outras palavras, a função significativa dos mesmos em seu objeto de estudo” (DICK, 1990b, p.16).

Assim sendo, a investigação do signo toponímico pode desvelar a história da vida e a mentalidade dos grupos humanos de determinada

época, visto que nos topônimos estão conservadas as tradições e costumes de um povo ou registradas as características topográficas locais mais sensíveis. Os topônimos são, pois, “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram em si um valor que transcende ao próprio ato de nomeação” (DICK, 1990a, p.22).

O léxico se caracteriza como um guia de referência para todo trabalho que pretende analisar aspectos que envolvam a relação entre sociedade, cultura, ambiente, língua e homem, recorrendo-se às ideias de Sapir (1969, p.45), no sentido de que “o léxico de uma língua, é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”. Os topônimos, como integrantes do léxico e conseqüentemente da língua, podem representar toda a infinidade de valores, reproduzindo a realidade de um grupo social.

#### 4 Análise e discussão dos dados

Um dos objetivos desta pesquisa é também proceder à classificação taxionômica dos topônimos dos acidentes físico-geográficos, conforme modelo adotado por Dick (1990b, p.31-34)<sup>8</sup>. A proposta de classificação

8 **A – TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA:** Astrotopônimos – referentes aos corpos celestes; Cardinotopônimos – relativos às posições geográficas; Cromotopônimos – referentes à escala cromática; Dimensiotopônimos – referentes à dimensão dos acidentes geográficos (extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade); Fitotopônimos – de índole vegetal; Geomorfotopônimos – relativo às formas topográficas, (elevações - montanha, monte, morro, colina, coxilha; depressões do terreno – vale, baixada; formações litorâneas – costa, cabo, angra, ilha, porto); Hidrotopônimos – resultantes de acidentes hidrográficos, (água, córrego, rio, ribeirão, braço, foz); Litotopônimos – os de índole mineral e também os referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro); Meteorotopônimos – relativos a fenômenos atmosféricos (vento, chuva, trovão, neve); Morfotopônimos – os que refletem o sentido de forma geométrica; Zootopônimos – relativos a animal (doméstico e não doméstico); **B – TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPO - CULTURAL:** Animotopônimos – referentes à vida psíquica e à cultura espiritual não pertencentes à cultura física (vitória, triunfo, saudade, belo, feio); Antropotopônimos – os referentes aos nomes próprios individuais (prenome, hipocorístico, prenome + alcunha, apelidos de família, prenome + apelido de família); Axiotopônimos – relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais; Corotopônimos – referentes a nomes de cidades, países, Estados, regiões e continentes; Cronotopônimos – encerram indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha nos topônimos; Dirrematopônimos – os constituídos por frases enunciados; Ecotopônimos – relativos às habitações; Ergotopônimos – referentes aos elementos da cultura material; Etnotopônimos – relativos aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas); Hierotopônimos – relativos a nomes sagrados de crenças diversas (cristã, hebraica), a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto, com subdivisões em Hagiotopônimos (nomes de santos/santas do

dos topônimos de Dick é formulada a partir da repartição do topônimo em duas ordens: a física e a antropocultural e dentro delas há outra que é particularidade do topônimo, ou seja, “através de uma terminologia técnica, composto do elemento ‘topônimo’, antecedido de outro elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica” (DICK, 1990b, p.26).

TOPÔNIMO	ETIMOLOGIA	TAXIONOMIA
ACARACU	corr. acará-y, donde acará-hú, que, pela forte aspiração do último elemento deu acará-cú, cujo significado é – rio dos acarás. (TS) <sup>9</sup>	zootopônimo
APODI	apody ou a-poty, cousa firme, altura unida, fechada; uma chapada. (TS)	geomorfotopônimo
AQUIRAZ	aquirá – a-qui-rá: cata piolho. Nome de uma cabilda <sup>10</sup> de gentio do Ceará. (TS)	etnotopônimo
ARATANHA	ara-tanha: o bico do papagaio. Designa também um pequeno camarão de água doce, armado de longas e fortes tenazes. (TS). “O alto cabeça se curva à semelhança do bico adunco da arara; pelo que os guerreiros a chamaram Aratanha”. (JA)	zootopônimo
CAMOCIM	camucim – ver cambucy: o vaso d’água, o pote, cântaro. Pode proceder ainda de caá-mbocy: significando – fruto de duas partes juntas. (TS)	fitotopônimo
CAUÍPE	cauype – caú-y-pe: no vinho do caju, ou donde vem o vinho do caju.(TS) “onde se fabricava excelente vinho de caju”. (JA)	ergotopônimo

hagiológico romano) e Mitotopônimos (entidades mitológicas); Historiotopônimos – relativos aos movimentos de cunho histórico-social, a seus membros e às datas comemorativas; Hodotopônimos – referentes às vias de comunicação rural ou urbana; Numerotopônimos – relativos aos adjetivos numerais; Poliotopônimos – constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; Sociotopônimos – os relativos às atividades profissionais, locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade (largo, praça); Somatotopônimos – os relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou do animal.

9 (TS): definição segundo Theodoro Sampaio

10 De acordo com Houaiss: 1 tribo ou grupo de famílias que vivem no mesmo lugar; 2 grupo nômade que vive mudando de lugar em busca de pasto.

GUAÍUBA	“Por onde vêm as águas do vale”. (JA) “Bebida da lagoa”. (P) <sup>11</sup>	hidrotopônimo
GARÇAS, RIO DAS	Garças – origem Portuguesa	zootopônimo
IBIAPABA	corr. ybyã-paba: a estância da terra alta ou da chapada; o escarpado ou alcantilado. (TS)	morfotopônimo
IBIAPINA	corr. ybyã-pina ou ybiã-apina: a terra alta despida, sem vegetação; o alto calvo. Pode ser também yby-apina: a terra limpa; os pellaes ou espaços naturalmente despídos de vegetação. (TS) “... parte da montanha, que por ser despida de arvoredo e tosquiada como a capivara, a gente de Tupã chamava Ibiapina”. (JA)	morfotopônimo
ICÓ	Chamou-se primitivamente, Arraial do Poço, nome que tem origem nesse tipo de recurso emergencial e destinado ao abastecimento de água aos moradores da respectiva localidade. Posteriormente Água ou Rio da Roça. (P)	hidrotopônimo
IPU	y-pú: a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d’água, fonte, minadouro.(TS)	hidrotopônimo
JACARECANGA	“... pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga”. (JA)	zootopônimo
JAGUARIBE	corr. yagar-y-be: no rio da onça.(TS)	zootopônimo
JERERAÚ	jererahú – corr. yerê-raú; o redemoinho a toa ou giro aparente.(TS) “... onde nascia o ribeiro das marrecas, o Jereraú”. (JA)	hidrotopônimo
MARANGUAPE	maranguá-pe: no vale da batalha ou da luta.(TS) “... assim chamada porque ai repousa o sabedor da guerra”. (JA)	animotopônimo

11 Definição encontrada no site do Governo do Estado do Ceará. Disponível em:<<[http://www.ceara.gov.br/portal/page?\\_pageid=214,300716&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL](http://www.ceara.gov.br/portal/page?_pageid=214,300716&_dad=portal&_schema=PORTAL)>>. Acesso em: 11 abr.2014.

MEARIM	meary- corr. mbiá-r-y: o rio do povo; o rio da gente navegar. Pode ser também corrupção de mbiar-y: o rio dos prisioneiros ou onde se tomam cativos. (TS)	hidrotopônimo
MECEJANA	“... que significa a abandonada.” (JA) <sup>12</sup>	animotopônimo
MERUOCA	“... a abundância dos frutos criava grande quantidade de mosca, de que lhe veio o nome de Meruoca.” (JA)	zootopônimo
MOCORIBE	corr. mocó-r-y-pe: no rio dos mocós.(TS) “... Mocoripe, ao grande morro das areias”. (JA)	zootopônimo
MUNDAÚ	“... suas voltas contínuas enganam a cada passo o peregrino, que vai seguindo o tortuoso curso; por isso foi chamado Mundaú.” (JA)	geomorfotopônimo
PACATUBA	corr. paca-tyba: o sítio das pacas; onde estas se encontram em abundância.(TS)	zootopônimo
PARAÍBA	parahyba: corr. pará-ayba: o rio ruim, impraticável, a força de dificuldades naturais da corrente; rio imprestável.(TS)	hidrotopônimo
PIRAPORA	corr. pirá-porã: a morada do peixe, o que contem peixe.(TS)	ecotopônimo
PIROQUARA	Não existe no mapa	não classificado
PORANGABA	A beleza, a formosura. (TS) “... lagoa Porangaba, ou lagoa da beleza....” (JA)	animotopônimo
POTENGI	Riacho dos Camarões. (P)	zootopônimo
QUIXERAMOBIM	“A gente que o ouvia chorava a ruína do grande chefe; e desde então passando por aqueles lugares, repetia suas palavras; donde veio chamar-se o rio e os campos, Quixeramobim”. (JA) Chamou-se primitivamente Rio Imbu e em 1730 passou a Quixeramobim. Atualmente dão como definição ao nome: Carne Gorda e Pássaro Verde. (P)	animotopônimo

12 (JA): definição segundo José de Alencar na obra.

SAPIRANGA	corr. eçá ou çá-piranga: os olhos vermelhos inflamados.(TS) “... a Sapiroanga, cujas águas inflamavam os olhos, como diziam os pajés”. (JA)	somatotopônimo
SOIPÉ	Não existe no mapa	não classificado
TAÍBA	Não existe no mapa	não classificado
TAUAPE	tauá-pe: no barreiro, no tauá.(TS)	litotopônimo
TAUATINGA	tauá+tinga= barreiro branco	litotopônimo
TRAIRI	Rio das traíras. (P)	zootopônimo
URUBURETAMA	“... nuvem negra voa das bandas do mar: são os urubus que pastaram nas praias a carniça, e com a noite voltam ao ninho. Os viajantes dormem aí, em Uruburetama.” (JA)  Chamou-se inicialmente Serra dos Corvos, Arraial, São João da Uruburetama, São João do Arraial e Arraial. Atualmente dão como definição ao nome: lugar dos urubus. (P)	zootopônimo

-Tabela 1 – classificação dos topônimos da obra – Iracema

<b>MUNICÍPIOS COM NOMES ORIGINADOS DE RIOS</b>			
Aquiraz	Maranguape	Icó	Trairi
Camocim	Meruoca	Ipu	Uruburetama
Guaíba	Pacatuba	Jaguaribe	Quixeramobim
Ibiapina	Potengi		

Tabela 2 – municípios com nomes originados de rios

<b>MUNICÍPIOS COM NOMES ORIGINADOS A PARTIR DE ANTROPÔNIMOS</b>	
Batuieté-Baturité	Iracema

Tabela 3 – municípios com nomes originados a partir de antropônimos

<b>PALAVRAS INDÍGENAS INCORPORADAS AO LÉXICO</b>				
<b>Fauna</b>	<b>Flora</b>	<b>Objetos de uso doméstico, armas e adornos</b>	<b>Relações familiares, religiosas ou sociais</b>	<b>Habitações</b>
Jandaia	Angico	Igaçaba	Abacté	Ocara
Sucuri	Andiroba	Tacape	Pajé	Oca
Caninana	Maracujá	Moquém	Jurupari	Taba
Ariranha	Jenipapo	Jirau	Tupã	Caiçara
Tamanduá	Jurema	Piroga	Pitiguaras	Itaoca
Jacu	Beijoim	Tacape	Tabajaras	
Guará	Jatobá	Maracá	Pocema	
Sabiá	Sapopema	Boré	Jaci	
Tapir	Pitanga	Membi	Tapuitinga (nome dado aos franceses)	
Ema	Urtiga	Camucim	Tapuias	
Capivara	Jacarandá	Igara	Tupinambás	
Jibóia	Cauim	Piroga	Guaraciabas	
Quati	Aracati	Maracatim	Mairi (povoação dos franceses)	
Paca	Carnaúba			

Tabela 4 – palavras indígenas incorporadas ao léxico

A partir dos dados apresentados, pode-se verificar que a maior concentração de topônimos está no grupo de natureza física referente com 27 ocorrências (84%) das nomeações, enquanto que os de natureza antropológica obtiveram 05 ocorrências (16%).

No grupo de natureza física, obtiveram maior índice de topônimos, os zootopônimos (topônimos de índole animal) com 11 ocorrências (42%), seguido dos hidrotopônimos que são resultantes de acidentes hidrográficos, (água, córrego, rio, ribeirão, braço, foz) que obtiveram 06 ocorrências, alcançando um percentual de 22%. Com duas (8%) ocorrências cada aparecem os geomorfotopônimos (relativo às formas topográficas, (elevações - montanha, monte, morro, colina, coxilha; depressões do terreno - vale, baixada; formações litorâneas - costa, cabo, angra, ilha, porto), os morfotopônimos que refletem o sentido de forma geométrica

e os litotopônimos que se referem aos topônimos de índole mineral e também os referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro).

Obtiveram cada um, apenas uma ocorrência neste *corpus*, o que significa que tiveram uma frequência de 4%, os fitotopônimos que se refere aos topônimos de índole vegetal; os ergotopônimos e os litotopônimos. O primeiro se refere aos elementos da cultura material; e o último são os de índole mineral e também os referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro).

No grupo antropocultural, destacaram-se os animotopônimos com 04 ocorrências (57%). São os topônimos referentes à vida psíquica e à cultura espiritual não pertencentes à cultura física (vitória, triunfo, saudade, belo, feio). Na sequência com 01 ocorrência cada (14%) se encontram os etnotopônimos que são relativos aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas); os ecotopônimos que são aqueles topônimos relativos às habitações e os somatotopônimos aqueles relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou do animal.

O fato de o *fitotopônimo* ser a categoria mais produtiva na obra analisada é compreensível, porque, juntamente com outros elementos, há que se considerar que “o importante, talvez, seria não perder de vista que a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição do solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biosistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretenda instalar ou, pelo menos, usufruir” (DICK, 1990a, p. 146).

## Conclusão

Particularmente nesta obra, as lexias consideradas tupi pelo escritor, podem ser divididas em cinco grupos semânticos: fauna; flora; objetos do uso doméstico; armas e adornos; relações familiares; religiosas ou sociais e habitações. A beleza e a diversidade das espécies vegetais existentes na superfície terrestre sempre inspiraram o homem, tornando-se uma das suas principais riquezas, pois, desfrutando delas, garante a sua alimentação e a continuidade de sua espécie. O fato de os elementos da flora estarem estreitamente ligados à sobrevivência do homem, desde que ele passou a percorrer os caminhos da terra que descobria, contribuiu para a valorização dos nomes de espécies vegetais na nomeação de lugares. O descobridor

passava pelos lugares e se estabelecia, mas não sem antes investigar minuciosamente a natureza e, para diferenciar os espaços, dava-lhes o nome baseado muitas vezes no ambiente que o rodeava, fosse o nome de uma erva, de uma árvore, de uma fruta ou flor. José de Alencar reuniu história e ficção em busca de uma narrativa que pudesse explicar nossas origens, marcando-a por uma profunda emotividade, numa atmosfera de valorização do elemento nacional como fator de individualização de nossa realidade. Foi o momento de afirmação de nossa identidade nacional, representando uma verdadeira revolução do ponto de vista expressivo. O Romantismo foi o momento em que o Brasil expressou verdadeiramente sua cultura através da literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Moderna, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1993.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul - mato-grossense. 2003. 261 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.

\_\_\_\_\_. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH, 1990b.

Governo do Ceará. Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br>>. Acesso em 11 abr.2014.

HOUAISS, Antonio. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.htm>>.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-cultural. Tese (Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. GEOSUL: Revista do Departamento de Geociências – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis v. 15. n. 30. jul./dez. 2000.

MANHÃES, Manuela Chagas; ARRUDA Sérgio. A análise de discurso e a apreensão de universos simbólicos. Uma referência para o entendimento da linguagem subjetiva do poeta e letrista Vinícius de Moraes. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-01.html>> Acesso em 13 de mar.2014.

ROMERO, Alex. Iracema. José de Alencar. Disponível em: <<http://www.literapiaui.com.br/pdf/obras/iracema-josedalencar.pdf>> Acesso em: 11 abr.2014.

SAMPAIO, Theodoro. O tupi na geographia nacional. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SAPIR, Edward. Linguística como Ciência. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.